

Esta edição de número 8 da *Revista M.* traz aos seus leitores e leitoras o **Dossiê Temático** “Cemitérios: arte, sociedade e cultura”, organizado pelas experientes professoras pesquisadoras da temática, Maria Elizia Borges, professora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UFG), e Marcelina Graças de Almeida, professora dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Design da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).

Os cemitérios, seus concretos marcos edificatórios e simbologias têm fornecido inúmeras fontes de pesquisas para investigadores da atualidade, em diversas localidades do Brasil e do mundo. Entre os seis artigos que compõem o **Dossiê** estão autores e autoras de diferentes áreas de pesquisa, que colocam em foco as formas diversas de representação da morte nos espaços cemiteriais do Brasil, da Europa e dos países latino americanos.

Abrindo a seção está o artigo *Vicente Coelho de Seabra Silva Teles e a reforma dos cemitérios*, de Ana Cristina Araújo, professora do Departamento de História e Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Seguem os artigos: *Imagens dos mortos da Guerra do Chaco (1932-1935) nas construções memoriais em cemitérios bolivianos*, de Alberto Gawryszewski, professor do Departamento de História da Universidade de Londrina; *Os guardiões de pedra da cidade dos mortos: escultura tumular na Manaus da “belle époque”*, de Márcio Leonel Farias Reis Páscoa e Carla Mara Matos Aires Martins, ligados ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas (PPGLA-UEA); *Representações da arte funerária: homenagens às pessoas que contribuíram para a educação no Brasil*, de Maria Elizia Borges, uma das organizadoras do dossiê; e *Práticas tecidas pela fé: devoções aos santos populares no Ceará*, de Michelle Ferreira Maia, professora dos cursos de Direito e de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário



UNINTA, no Ceará; e, por fim, o artigo *Práticas religiosas no espaço cemiterial: observações sobre o Cemitério do Bonfim*, de Marcelina das Graças de Almeida, organizadora do dossiê, em coautoria com Julio César de Aguiar Santana e Roberto Fernandes da Silva, historiadores formados pela Universidade Federal de Minas Gerais e pelo Centro Universitário Newton Paiva, respectivamente.

Na seção **Artigos Livres**, a presente edição publica três artigos que nos levam à compreensão da variedade de abordagens possíveis sobre a morte, o morrer e os mortos. Em *Para morrer basta estar vivo: um olhar sobre a morte violenta na coluna "Zona Franca" do jornal Diário dos Campos (Ponta Grossa, Paraná: 1976 – 1978)*, Maura Regina Petruski (professora do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e Alvaro Daniel Costa (professor do Curso de Produção Publicitária do Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais/CESCAGE), analisam como o jornal *Diário dos Campos*, da cidade de Ponta Grossa, no Paraná, retratava de forma sensacionalista a morte de indivíduos que tiveram suas vidas encerradas de maneira violenta, entre os anos de 1976 e 1978. Os autores lançam luz sobre as configurações inusitadas que podem ganhar as estruturas narrativas jornalísticas sensacionalistas, quando estas se constituem de escritas jocosas e de humor para assuntos que rotineiramente representam dor e sofrimento para os mais próximos aos mortos.

Júlia Freire Perini e Marcelo Durão Rodrigues da Cunha assinam o artigo *"Cuidar mais da saúde dos vivos do que no descanso dos mortos": a Santa Casa da Misericórdia no trato da morte em Vitória, Espírito Santo, na segunda metade do século XIX*. Os autores discutem como se estabeleceu a tensão entre modernidade e tradição nas práticas de enterramento na cidade de Vitória, ao investigarem a atuação das irmandades religiosas, em especial o papel da Irmandade da Misericórdia, no processo de modificação do entendimento sobre a morte e o morrer na capital capixaba, durante a segunda metade do século XIX. Para Perini e Cunha, a persistência de formas tradicionais da experiência para com a morte naquela cidade, pelo menos até os anos iniciais da Primeira República, se deveu à força política das associações religiosas.

Quando a morte ocorre no domicílio, escrito por Flavia Sollero-de-Campos, do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO), e Rafaela Costa Braga, psicanalista do Instituto Nacional do Câncer José Alencar Gomes da Silva, no Rio de Janeiro, é o terceiro artigo desta seção. Neste, as autoras investigam como se dá o acompanhamento do processo de morte em domicílio, para o cuidador familiar de pacientes oncológicos. Concluem que, nessas circunstâncias, a morte pode trazer uma duplicidade de sentimentos: se, por um lado, representa a familiaridade do convívio com o ente querido em momentos derradeiros, por outro, pode impregnar lares de lembranças dolorosas do adoecimento e da finitude humana.

Nossa seção **Em Campo** deste número publica o artigo *Ética e humanização na comunicação sobre a morte: um projeto educativo na área da saúde*. O trabalho traz o relato de experiência de Jara Lourenço da Fontoura, pedagoga e docente no curso de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), e de suas alunas da disciplina de Didática Aplicada à Enfermagem, Cássia Barbosa e Brenda Alves, na elaboração de um material informativo para



famílias em processo de luto. O artigo procura discutir a importância da ética humanizadora e do cuidado do outro na comunicação com aqueles que sofrem a dor da perda. O “Projeto Zezinho” – referência a um morador da cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul – resultou na produção de um folder informativo, distribuído em pontos chave, nas cidades gaúchas de Rio Grande e Pelotas.

Fecha esta edição a *Resenha Bem-vindos ao cemitério Vera Cruz de Passo Fundo, RS*, de Renato Rodrigues Farofa, mestre em História pela Universidade Federal de Uberlândia/MG. O livro em foco é *A morte não é o fim. Culturas e identidades no cemitério Vera Cruz*, organizado por Fernando Miranda e Gizele Zanotto, que colocam no centro do debate o cemitério mais importante da cidade de Passo Fundo, em termos de patrimônio cultural. A coletânea, aqui resenhada por Farofa, se constitui num verdadeiro presente dos colaboradores para aqueles que se interessam pelas potencialidades investigativas que uma necrópole pode fornecer, ao abordar desde a constituição da história social, artística e cultural das cidades do interior do Rio Grande do Sul até as possibilidades de leituras de biografias de personagens populares ou ilustres.

Esperamos que os artigos que formam o *Dossiê* sobre cemitérios, assim como as discussões suscitadas nas seções *Artigos Livres*, *Em Campo* e *Resenha* sejam para nossos leitores e leitoras mais uma importante experiência reflexiva para a compreensão dos fenômenos culturais, sociais, políticos, históricos e simbólicos da vivência da morte e do morrer.

Claudia Rodrigues e Mara Regina do Nascimento (Editoras)

